

## Narcisismo e Sacrifício: Modo de subjetivação e religiosidade contemporânea

Por Mary Rute Gomes Esperandio\*

### Resumo:

O texto apresenta uma reflexão sucinta da tese de doutorado sob o mesmo título. Trata-se de uma abordagem da experiência religiosa promovida pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), a partir de sua proposta de sacrifício como remédio para a cura de vários sofrimentos contemporâneos. A reflexão trabalha com o conceito de narcisização como força ativa e reativa e sustenta que a proposta de sacrifício da IURD trabalha com o narcisismo reativo. A prática do sacrifício constitui-se, então, nessa forma de religiosidade, como uma tecnologia que lida com a vergonha (expressão do narcisismo reativo) produzida no modo dominante de subjetivação contemporâneo.

### Palavras-chave:

narcisismo – forças de narcisização ativas e reativas – sacrifício – subjetivação – Igreja Universal do Reino de Deus

### Considerações iniciais

Durante o período de 2002 a 2005, participei de um Projeto de Pesquisa Internacional desenvolvido pela Faculdade de Teologia da Universidade de Oslo – Noruega, chamado *RIGA – Religion in a Globalised Age*. A pesquisa teve por objetivo investigar, em 7 países, entre eles, o Brasil, as implicações recíprocas entre globalização e movimentos religiosos contemporâneos. Fui a pesquisadora brasileira engajada nesse projeto e desenvolvi também, nesse período, meu trabalho de doutorado em Teologia Prática, que culminou com a tese sob o título acima, defendida na Escola Superior de Teologia, em fevereiro de 2006.

---

\* Psicóloga – CRP 07/12747. Doutora em Teologia Prática (EST/IEPG).

A escolha do tema não surgiu no início do trabalho de pesquisa. Ele foi tomando forma a partir de minha inquietação ao longo da participação no projeto RIGA, quando, visitando inúmeras reuniões da Igreja Universal do Reino de Deus, chamou-me a atenção sua prática discursiva sobre as “correntes” de sacrifício. O discurso do sacrifício (em dinheiro) pareceu-me ser o fundamento essencial, a razão de ser dessa igreja. Assim, minhas inquietações iniciais passavam pelas seguintes interrogações: *Por que as pessoas que se engajam nas “correntes de fé” (chamadas, também, de “correntes de sacrifício”), aceitam com tanta naturalidade o discurso da igreja a respeito do sacrifício? Por que os sacrificantes não se questionam sobre o destino da “vítima” (dinheiro) do sacrifício? Quais efeitos o ritual de sacrifício pode produzir no território existencial dos seus participantes?*

Dar-me conta de que as práticas sacrificiais, dentro dos ritos religiosos “iurdianos”, guardavam íntima relação com o Narcisismo foi, em princípio, uma espécie de intuição, um saber inconsciente. Mas, à medida que meus estudos foram se aprofundando, essa relação começou a ficar cada vez mais evidente, a ponto de poder expressar, como *parti-pris* da minha tese, o seguinte enunciado: *a prática do sacrifício (como proposta pela IURD) encontra-se estreitamente vinculada ao narcisismo no modo como este é experienciado na contemporaneidade. A experiência de narcisização própria da contemporaneidade – o narcisismo reativo – é condição e essência da prática do sacrifício iurdiano.*

Enunciar a tese desse modo revela, pelo menos, dois pressupostos (em relação à prática do sacrifício) que se complementam. Trata-se, por um lado, de uma prática “datada” - uma vez que tem relação com o modo contemporâneo de subjetivação, e, por outro lado, pressupõe a existência, na contemporaneidade, de determinadas condições que permitiram o aparecimento dessa prática, tal como ela se configura. Obviamente, as práticas religiosas de sacrifício não são novas e a noção de sacrifício está presente em nosso cotidiano, não se restringindo ao campo religioso. Mas práticas sacrificiais onde a “vítima” do sacrifício é o dinheiro - e este,

por sua vez, com função e valor de troca com o divino visando o ganho de prosperidade, felicidade e gozo para serem vividos *nesta vida* - parecem apontar algo novo que se tem presentificado em algumas formas contemporâneas de se experienciar a religiosidade, merecendo, portanto, uma consideração particular. Nesse sentido, este estudo é mais do que uma reflexão sobre a prática do sacrifício na IURD. É um estudo que evidencia o nosso modo de existência hoje e como um determinado modo de expressão religiosa tem possibilidade de emergir como sentido ao articular forças de narcisação, fé e desejo.

Os dados apresentados sobre a Igreja Universal do Reino de Deus foram baseados na literatura já produzida no universo acadêmico; literatura da própria igreja, como livros, jornais, o próprio portal da IURD na *world wide web* (www); conversas informais/espontâneas com membros, obreiros/as e frequentadores da IURD; entrevistas formais com alguns membros; entrevistas formais com pastores, pastores-auxiliares e bispos da IURD; e ainda, quase uma centena de observações de campo em diversas igrejas, no Brasil (especialmente, em Porto Alegre, Rio de Janeiro e Bahia – incluindo uma visita ao Projeto Nordeste, em Irecê) e em outros países, como: Chile, Argentina, Estados Unidos da América, África do Sul e Portugal.

Considerando, entretanto, o limite de espaço e, portanto, a necessidade de uma apresentação resumida, não será possível uma explicitação detalhada de conceitos fundamentais usados na reflexão. Remeto o/a leitor/a à tese, hospedada no site da EST. Também a discussão sobre a genealogia como método da pesquisa realizada fica para outra ocasião. Segue um recorte de um relato de uma das reuniões da IURD e uma parte de uma das entrevistas realizadas. Tem-se em seguida, uma breve discussão sobre a articulação das *forças de narcisação* na prática iurdiana de sacrifício.

## Retratos do fenômeno religioso chamado Igreja Universal do Reino de Deus

*Uma segunda-feira de maio de 2004, cerca de 19:15h. Estou em frente ao templo da IURD, em Porto Alegre. Uma cena causa-me horror: uma senhora maltrapilha, provavelmente moradora de rua, mendiga, é expulsa do interior do templo com violência. Ela cai na calçada e o segurança da igreja chuta-lhe o abdômen e arranca-lhe das mãos uma garrafa de plástico com água, abre a tampa e derrama o conteúdo na rua e joga a garrafa sobre a mulher enquanto ela grita e rola de dor. Penso, como forma de compreender a ação violenta que presencio, que talvez a mulher tenha roubado a garrafa com água, de alguém que estava no templo. Mas isso não justificaria tal atitude violenta. Algumas pessoas ficam indignadas e a polícia é chamada. Enquanto isso, no interior do templo, cerca de cinco mil pessoas participam do “Congresso dos Empresários”.*

*Se essa cena por si só causa horror pela violência, crueldade e “ousadia” como ela é cometida, o horror aumenta quando uma mulher membro da IURD aproxima-se de mim, defendendo apaixonadamente o ato de violência, justificando-o como uma cena teatralizada pelo demônio. “Era o demônio quem estava tentando impedir a reunião. Mas ele foi expulso de dentro do templo e não incomodará mais!”. E ela acrescenta: “agora, depois do ‘circo armado’ (com polícia, repórter e ajuntamento de alguns que permaneceram fora da reunião) o demônio está aí dormindo, quietinho”. Ela se referia ao fato de a mulher agredida estar aquietada, ainda no chão e com os olhos fechados.*

*Enquanto assistia ao desenrolar daquela situação, ainda estarrecida pelas justificativas ouvidas, vejo uma mulher bonita, muito bem vestida, micro-empresária, entrando na igreja. Era N., proprietária de uma padaria bem sucedida, estabelecida num bairro nobre da cidade, que eu havia entrevistado seis meses antes<sup>1</sup>. Ela contara-me sobre sua transformação: com depressão profunda, prestes a cometer suicídio, frequentando casas de religião (Cultos Afro-brasileiros) e afundando-se cada vez mais em dívidas, decidira buscar a*

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada em 13.12.03. Também referida no texto: *A (est)ética do cuidado e religiosidade contemporânea: A Igreja Universal do Reino de Deus em perspectiva*. Publicado nessa mesma revista, v. 7 (Ano 04, n. 02).

IURD depois que na noite em que planejava cometer suicídio, teve sua vida transformada. Naquela noite, ao assistir o programa da IURD na TV, N. fez “o que o bispo mandou”: colocou um copo com água sobre o aparelho de televisão e depois da oração do bispo, abençoando o copo d’água, tomou o líquido e, pela primeira vez depois de 30 dias de noites em claro, conseguiu dormir. A partir daí começa a freqüentar as reuniões, participa das “correntes” de sacrifício e sente-se feliz em testemunhar agora, o sucesso financeiro e emocional que desfruta “depois de entrar na IURD, e fazer tudo o que o bispo mandou”.

Vinda de uma tradição familiar católica, N. ia à igreja de vez em quando. Freqüentou, por mais de 20 anos, uma Casa de Religião chamada Mãe Genésia. “Tinha a proteção de mãe Oxum, a mãe da doçura e da ajuda. Amava os cultos afro, a Umbanda e a Quimbanda”. O sofrimento que levou N. a encontrar alívio na proposta da IURD é descrito do seguinte modo: “Abri uma nova padaria, em 1998. Esta primeira era administrada por meu marido e eu me sentia apenas como uma figura de decoração. Por isso quis ter minha própria padaria. No dia seguinte à inauguração, fiquei doente”. N. atribui isto “à inveja e ao olho grande de muitas pessoas” sobre ela. “Ao abrir a padaria eu comprei minha própria derrota e destruição”. N. conta em detalhes como foi seu prejuízo financeiro, as 17 causas na justiça movidas contra ela; os conflitos familiares, envolvendo principalmente sua irmã. Ela conta que sentia muita raiva dentro de si, via vultos pela casa e sentia uma profunda depressão. Diante disso, pensou em suicidar-se. Buscou ajuda na medicina, tomando muitos remédios para dormir. Não fazendo efeito, buscou o Centro Espírita, por indicação de sua própria médica. Desesperada por não dormir, por não sentir paz e pela depressão profunda, decidiu que finalmente iria tirar a própria vida. Enquanto pensava sobre isso, durante a madrugada, ligou a televisão e viu o SOS espiritual. Ouviu um testemunho de alguém que “contou exatamente o mesmo que eu sentia, como se estivesse contando a minha própria vida, o mesmo que eu estava passando”. Ela lembra que isso aconteceu no dia 21 de maio de 2000. Mas sua vida foi mudando aos poucos, sobretudo após começar a fazer os sacrifícios. Conta que vendeu suas próprias roupas para conseguir o valor de R\$ 600,00 para entregar como oferta de sacrifício na “Fogueira Santa”. Depois disso, jogou fora os santos, batizou-se e começou a dar o dízimo, ofertas e “participar de todas as correntes”. Diz-se “fidelíssima na entrega dos dízimos”. Ela afirma:

*“Fiz uma aliança com Deus. Troquei a minha vida velha por uma nova vida. Creio na palavra do bispo e sempre faço o sacrifício. Fui ungida para ser uma vencedora”. Por isso, afirma, “tenho de tomar a frente, porque sou cabeça e não cauda – eu é quem devo dirigir a empresa”.*

*Portugal - cidade de Lisboa, Alameda Don Afonso Henriques, 35, Antigo Cine Império. Dia 29.03.04. Cerca de 2000 pessoas estão presentes neste local. É uma segunda-feira. Assistimos à Reunião da Prosperidade, ou melhor, o “Congresso dos Empresários”, como o bispo faz questão de esclarecer. Este bispo dirige a reunião com bastante “autoridade”, parecendo muito seguro do que diz. Querendo provar que realmente tem uma palavra de poder, ele assim afirma: “se a pessoa fizer o que eu estou mandando, ela será próspera. Eu também vou curar essa pessoa. Eu vou fazer a oração e você será curado e será uma pessoa próspera com a minha oração”. Assim, ele orienta que as pessoas deixem seus lugares e se dirijam ao altar a fim de pegarem os envelopes para “plantarem a sua semente”. Espalhados no altar, centenas de envelopes – com o título ‘sementes da fé’. O bispo distribui folhas de papel pelo altar e despeja nardo de Israel, consagrando os papéis. Nestes papéis, a pessoa deve escrever os seus desejos, o que elas querem conquistar. Essa folha deverá ser colocada dentro do envelope com a semente e a oferta de sacrifício. O bispo insiste: “se você quer dinheiro, deve plantar dinheiro, você não vai colocar uma batata no envelope, porque não é isso o que você quer. Você quer dinheiro, não é? Então plante dinheiro”. O bispo esclarece que esse envelope deverá ser devolvido no dia 05.04., e afirma: “a maior expressão de fé é quando toca no bolso de alguém. A igreja é perseguida porque pede oferta. Mas tudo que a igreja faz tem gastos, é preciso pagar por cada coisa. Por exemplo, os papéis, os envelopes, tudo que a igreja usa tem de pagar. Mas Deus não precisa do seu dinheiro. O seu dinheiro mostra a sua fé, mostra que seu coração não está no dinheiro. Com seu dinheiro pessoas são salvas. A oferta de 05.04. deve ser, no mínimo, de 5 Euros. Mas, em nome de Jesus, você vai dar muito mais, você vai dobrar a sua oferta. Não dê a oferta mínima se você pode dar mais. A maior pobreza é a pobreza de pensamento! Não pense que você é pobre, que não pode dar muito. Pense que é grande e você será grande! Se você não tem, esforce-se, desfaça-se de alguma coisa para conseguir a oferta”.*

A história de N., narrada dentro do mesmo quadro de violência com que uma mendiga é tratada por pessoas ligadas à IURD, ilustra significativamente a

complexa composição do tecido social onde a subjetivação contemporânea tem sido produzida e aponta, ainda, a função social que exercem determinadas formas de experiência religiosa. Trata-se de um retrato que testemunha o estabelecimento de uma certa tendência religiosa atual (entre outras) que emerge como sentido em contexto sócio-econômico neoliberal e evidencia, em sua prática, o nosso próprio modo de ser no mundo hoje. Como mostra o relato da reunião em Portugal, a IURD, espalhada por quase 90 países, funciona sempre do mesmo modo, como uma empresa multinacional. Ela atua em um mundo marcado por um visível enfraquecimento dos laços sociais, pela produção do hiperindividualismo, pelo culto ao corpo, pela homogeneização da subjetividade, pela priorização de respostas rápidas para aplacar o mal estar e sofrimento, pela busca desesperada por sobrevivência e tentativa de adaptação e integração ao *status quo*, etc. Ela se estabelece como uma forma de religiosidade preocupada em promover felicidade e bem estar ao indivíduo contemporâneo que sofre, principalmente, de doenças relacionadas ao modo de existência produzido na contemporaneidade. Para Macedo, o fundador da IURD, é tarefa da igreja “nos dar ideais capazes de nos trazer tranqüilidade e felicidade”<sup>2</sup>.

Acontece, porém, que felicidade é uma noção socialmente construída. Seu sentido, portanto, é dinâmico. Se, no período imediatamente anterior ao nascimento da IURD<sup>3</sup>, essa noção ligava-se à resistência e à criação, *transformar o mundo* era sua forma de expressão. Mas a IURD se estabelece simultaneamente ao triunfo do capitalismo mundial e à perda das utopias, ela emerge em meio ao fomento do consumismo. Assim, ela vem fazer parte de um conjunto de estratégias coordenadas em uma nova produção de sentido que instaura a noção de felicidade como sinônimo de prazer e bem-estar. Essa forma de expressão da felicidade, mais do que um *direito* do indivíduo, passa a ser um *dever* de ser feliz. Neste sentido, a ênfase da experiência religiosa não se diferencia das outras coordenadas sociais que enfatizam a libertação.

---

<sup>2</sup> MACEDO, Edir. *A Libertação da Teologia*. Rio de Janeiro: Universal, 1997. p. 21.

<sup>3</sup> A IURD nasce em julho de 1977.

A busca de libertação passa a ser, então, condição para a experiência de *gozar o mundo*. E, na IURD, o gozo do mundo se alcança através de uma tecnologia: o sacrifício em dinheiro. O sacrifício constitui-se, pois, numa *tecnologia do eu* que possibilita alcançar esse alvo. *Tecnologias do Eu* são, segundo Foucault,

aquelas que permitem aos indivíduos efetuar, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre o seu corpo e sua alma, pensamentos e conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo assim, uma transformação de si mesmos com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade.<sup>4</sup>

A auto-identificação da igreja como Centro de Ajuda Coletiva e/ou Centro de Ajuda Espiritual e o *slogan* “Pare de Sofrer” confirmam a observação de Freud de que, quando o corpo sofre, o sujeito volta-se narcisicamente para si mesmo. Os sofrimentos tratados pela IURD afetam diretamente a subjetividade na dimensão das *forças de narcisação*. E a IURD promete que através da entrega de uma oferta em sacrifício acaba-se com os sofrimentos e se ganha o dobro da oferta entregue. Os sofrimentos narrados pelos fiéis que sacrificam descrevem, em geral, sentimento de inferioridade, inadequação, retraimento, apatia, medo de arriscar e apontam para o fato de que todas essas sensações podem ser colocadas ao abrigo da noção de *vergonha*. A vergonha tem a ver com um funcionamento egóico e pode ser uma das expressões mais profundas do que tenho caracterizado como *forças reativas de narcisação* (como veremos adiante). A vergonha inibe a experiência do prazer e faz aparecer a sensação de mal-estar.

Mas, do gozo do mundo, excluem-se os que se encontram despregados do tecido social. Talvez, seja possível encontrar, então, aí uma das razões (entre outras) para a causa da expulsão da mulher mendiga do interior do templo da IURD. Como observa o etnólogo Yvan Droz a respeito da IURD, no Quênia:

Mendigos e vagabundos são excluídos do culto: eles não devem incomodar os fiéis com sua aparência ou com seus pedidos insistentes

---

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel. *Tecnologias del Yo*. Barcelona: Paydós Ibérica, 1996. p. 48.



de esmola. Entretanto, os pobres, sejam eles mendigos ou crianças de rua, são alimentados pela Igreja Universal. Ao meio dia, ela oferece – na medida de suas possibilidades – refeições aos miseráveis enquanto prega o Evangelho. Os pobres não são, portanto, abandonados à própria sorte, mas devem ficar no seu lugar, fora dos muros da igreja. De fato, o público visado pela Igreja Universal é composto de indivíduos ‘apresentáveis’, livres dos laços familiares e capazes de cumprir suas necessidades... e as da Igreja.<sup>5</sup>

Os mendigos e vagabundos estão situados “do outro lado do espelho das relações sociais”, como observa Castel. Para ele,

O vagabundo é um ser absolutamente desengatado (desfiliado). Só pertence a si mesmo e não é “o homem” de ninguém, nem pode se inserir em nenhum coletivo. É um puro indivíduo e, por isso, completamente despossuído. É individualizado a tal ponto que está superexposto: desprende-se do tecido encorpado das relações de dependência e interdependência que estruturam a sociedade. Efetivamente o vagabundo pagou muito caro por essa ausência de lugar que o situa do outro lado do espelho das relações sociais.<sup>6</sup>

Este “outro lado do espelho”, sem função de reflexo, não constitui, por conseguinte, uma superfície apropriada para reconhecimento e afirmação do *self*. E o reconhecimento de si no outro-espelho afirmativo de *selves* fragilizados é condição para o funcionamento dessa forma de religiosidade assentada no hiperindividualismo contemporâneo, onde o Eu se desvincula do outro na busca do cuidado de si, mas enlaça-se no outro no reconhecimento mútuo dos próprios desejos de prosperidade, sucesso, felicidade e bem-estar. A proposta de sacrifício da IURD enfatiza a autonomia do indivíduo e a necessidade de que “cada um realize o seu próprio sacrifício”, com vistas à prosperidade, sucesso e felicidade. O *interesse em si mesmo* passa a ser visto como *condição para a prosperidade*. Neste sentido, tenta-se *acionar* este interesse como sendo a vontade de potência presente em cada um. A

---

<sup>5</sup> DROZ, Yvan. A Igreja Universal no Quênia. In: ORO, Ari Pedro, CORTEN, André e DOZON, Jean-Pierre. *Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas 2003. p. 119.

<sup>6</sup> CASTEL, CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, (1995) 2005. p. 597-598.

proposta de sacrifício da IURD não é, pois, para os socialmente desfilados, mas sim para aqueles que se envergonham de estarem distanciados do eu-ideal socialmente produzido e aceitam a proposta do sacrifício como promessa do “caminho mais curto entre o querer e o realizar”, como afirma Macedo.

Vejamos, então, de que modo a proposta de sacrifício da IURD articula as forças de narcisação e lida com a vergonha da subjetividade contemporânea.

## **As forças de narcisação e a prática do sacrifício iurdiano**

A configuração capitalista, em seu processo de fabricação do indivíduo, produziu o interesse do indivíduo por ele mesmo. Entretanto, esse interesse voltado para si não existiu desde sempre. Nietzsche observa que

durante o período mais longo da vida da humanidade nada havia de mais aterrador para o homem do que sentir-se isolado. Estar só, experienciar como indivíduo, não obedecer nem dominar, significar um indivíduo não era um prazer nessa época, era uma punição; o homem era condenado a ‘ser um indivíduo’. Tudo o que prejudicava o rebanho, resultante ou não do desejo do indivíduo, provocava nele remorsos, provocava-os no seu vizinho e, até na totalidade do rebanho! Foi quanto a este ponto que mais alteramos a nossa maneira de pensar e sentir.<sup>7</sup>

O sujeito contemporâneo já não sente culpa por olhar para si próprio, pois, “atualmente, as pessoas só se sentem responsáveis por aquilo que querem e por aquilo que fazem, [embora] os nossos juristas fazem partir tudo deste amor próprio individual, deste prazer consigo mesmo, como se a fonte do direito daí tivesse jorrado desde sempre”<sup>8</sup>.

A legitimidade “dada” ao indivíduo, pelo social, de responsabilizar-se por aquilo que quer, liberou-o, de certo modo, do sentimento de culpa por voltar-se para

---

<sup>7</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Martin Claret, 2005. p. 111.

<sup>8</sup> NIETZSCHE, 2005, p. 111.

si mesmo. O modo individualista da subjetivação dominante circunscreve a extensão da responsabilidade pessoal aos limites do próprio eu. A liberdade alcançada, desvinculando-se da consideração pelo outro, embora tenha minimizado a culpa, cobra o seu preço de outro modo: pela experimentação da vergonha.

Há, na Contemporaneidade, uma produção sistemática e cotidiana do sentimento de vergonha em função das mais diversas demandas dirigidas à configuração de um ideal de subjetividade. Por exemplo: a demanda pelo corpo<sup>9</sup> “perfeito” (e isto se refere tanto ao corpo masculino quanto ao corpo feminino); a demanda pela beleza e pela juventude eterna; a demanda por “estar na moda”; por parecer uma pessoa de sucesso; por parecer que tem dinheiro e poder; a demanda por parecer que está feliz, saudável e de bem com a vida; a demanda por uma profissão rentável e de sucesso; por uma carreira acadêmica prestigiosa, e assim por diante. Essas demandas atuam nos processos de subjetivação como forças a serem “dobradas”, elaboradas. Assim, dependendo de como a subjetividade configura tais forças, o sentimento de vergonha por não alcançar esses ideais pode emergir como expressão do predomínio das *forças reativas de narcisação*.

As *forças reativas de narcisação* podem ser caracterizadas como aquelas que buscam apenas a *adaptação e conservação* da vida. São forças que configuram um modo de existência onde “o sujeito é o ponto de partida e chegada do cuidado de si. Ou seja, o 'que se é' e o 'que se pretende ser' deve caber no espaço da preocupação consigo. Família, pátria, Deus, sociedade, futuras gerações só interessam ao narcisista [no modo reativo] como meios de autorealização pessoal, em geral entendida como autorealização afetiva, econômica, de sucesso pessoal ou bem-estar físico”<sup>10</sup>. Um

---

<sup>9</sup> O livro organizado por Mirian GOLDENBERG, *Nu e Vestido*, aponta que, em 2001, estima-se que tenham sido realizadas no Brasil 400.000 cirurgias plásticas.

<sup>10</sup> COSTA, apud ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. *Narcisismo e Sacrifício: Modo de subjetivação e religiosidade contemporânea*. Tese de Doutorado. São Leopoldo: EST/IEPG, 2006. p. 56. Costa não trabalha com a noção de *forças reativas de narcisação*. Esta citação é retirada de um contexto onde ele descreve o modo de subjetivação narcísico da contemporaneidade. Mas, a meu ver, o que ele descreve define bem a idéia do que desenvolvo aqui como *forças reativas de narcisação*.

exemplo de configuração das *forças reativas de narcisação* pode ser visto no trabalho de Lasch quando este caracteriza a *cultura narcísica* da sociedade contemporânea como tentativa de sobrevivência do eu, como uma produção em massa de um “eu mínimo”<sup>11</sup>.

Já a característica das *forças ativas de narcisação* é sua plasticidade. Sua força vai até o limite do que pode e, segundo a descrição de Nietzsche, trata-se de uma força que “afirma a diferença, que faz da sua diferença um objeto de alegria e afirmação” (criação do próprio ser). As forças não se definem sozinhas, a não ser em relação com outras forças, ou seja, no encontro entre os corpos, na afecção dos sentidos e da sensibilidade que acontece nos encontros. Só nos encontros é que a diferenciação das forças se torna possível e é neles que se delineará a configuração subjetiva que implica sempre um eu no mundo: relação consigo, com o outro, com o mundo. Se, na dinamização desse processo de relação de forças que acontece nos encontros, houver abertura ao outro e sensibilidade para acolher e afirmar a diferença, haverá criação e enriquecimento das subjetividades envolvidas no processo.

A noção de *forças ativas de narcisação* supõe a indiscernibilidade do cuidado de Si e do outro. A prática do cuidado de Si é simultânea e inseparável do cuidado do outro. Essa idéia é sustentada a partir da reflexão winnicottiana a respeito da constituição do *verdadeiro* e do *falso self* e de como o cuidado (de si e do outro) é fundamental nesse processo. Winnicott exemplifica esse processo a partir do que ele chama de *devoção* da mãe, no cuidado com o bebê. Na prática do cuidado, onde a mãe tem uma atitude de devoção, há uma fusão temporária (mas não indiferenciação, pois, segundo ele, “é preciso ser primeiro dois para depois ser um”) da mãe com o bebê, mas não caracteriza aí um narcisismo reativo. Pelo contrário, essa fusão temporária é condição para que o bebê desenvolva-se como ser criador. Winnicott

---

<sup>11</sup> LASCH, Christopher. *O mínimo eu: Sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

afirma que a devoção “tem implicações tanto hipocondríacas como narcisistas secundárias, [mas] é por causa dessa identificação com o bebê que ela sabe como protegê-lo, de modo que ele comece por existir e não por reagir”<sup>12</sup>. É, pois, justamente essa prática de cuidado que permitirá ao sujeito ir construindo o valor de uma vida que valha a pena ser vivida. Para Winnicott, a capacidade de criação do “próprio estilo” (de forma original) depende do cuidado – que não deve ser nem demais nem de menos – mas sim “suficiente”. Diz ele: “Percebemos agora que não é a satisfação instintual que faz um bebê começar a ser, sentir que a vida é real, achar a vida digna de ser vivida”<sup>13</sup>. Para Winnicott, são construções simultâneas: o ser e a experiência afirmativa de estar/sentir-se vivo, e a criação da cultura. Essa experiência só se torna possível pelo cuidado exercido. O modo como o cuidado é realizado possibilitará maior ou menor potência de realização pessoal e participação cultural. E poderá ser indicativo de *forças ativas ou reativas de narcisização*.

Na experiência religiosa promovida pela IURD, há um processo de captura do desejo de independência, de autonomia do indivíduo. Através da *tecnologia do sacrifício*, a IURD “trabalha” o sentimento de vergonha que restringe a subjetividade e a despotencializa. Ao entregar a oferta de sacrifício em dinheiro, o indivíduo lida com sua vergonha, com seu desejo de ser afirmado em sua grandiosidade, em sua potência. A vontade de potência é, então, capturada em um modo que o desejo fica reduzido à ambição pelo lucro, ao desejo de posse, ao desejo de pequenos prazeres ou mesmo ao atendimento de necessidades básicas da vida. O indivíduo troca com o divino através do sacrifício em dinheiro. Busca-se “Deus como aliado e sócio”, como diz Macedo. Nesse processo, aprisiona-se, também, a potência de ser como parte/participante da construção da vida para além da dimensão individual. A fé, então, transforma-se em certeza de retorno de um investimento feito em si próprio.

---

<sup>12</sup> WINNICOTT, Donald Woods. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p. 135.

<sup>13</sup> WINNICOTT, Donald Woods. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 137.

A IURD trabalha com os efeitos da subjetivação capitalística, mas com vistas ao reforço desse modelo. “Subjetivação capitalística” é um termo cunhado por Guattari nos anos 70, e diz respeito a um modo de ser que não se acha apenas ligado às sociedades capitalistas, mas que caracteriza também as sociedades ditas socialistas, já que todas elas vivem uma espécie de dependência e contra-dependência do modelo capitalista. Trata-se de um processo de produção de subjetividade homogeneizante, em termos dos signos que a alimentam, mas desigual, em termos econômicos, culturais etc. Esse processo homogeneizante, que reproduz um mesmo tipo de investimento do desejo no campo social, acaba por legitimar a vergonha de não ser próspero e confirma um jogo de verdade que estabelece que o gozar, o ter uma vida de prazer, sem sofrimento e mal-estar é a finalidade última da existência. A IURD reafirma esse estilo de vida dominante produzido pela sociedade contemporânea.

Um modo de religiosidade que afirma o princípio do prazer desvinculado da responsabilidade, do cuidado de si e do outro em simultaneidade, é, a meu ver, uma religiosidade baseada nas *forças reativas de narcisação*. Sobretudo, porque promove a *conservação e reprodução* de um modo de existência. É uma religiosidade que tem como efeito a construção de uma *subjetividade religiosa capitalística*, onde o prazer e o gozo advêm do lucro que se alcança nas trocas. A vergonha é, desse modo, trabalhada em sentido avesso. Ao entregar um sacrifício para Deus (em dinheiro) e ser fiel nos dízimos e nas ofertas porque receberá como recompensa o sucesso, a prosperidade e o bem-estar, o sujeito acredita que está pagando a dívida contraída quando aceitou a dádiva, a graça divina no presente simbolizado pelo Cristo. Assim, é preciso sacrificar, pagar o presente recebido. Ao aceitar o presente divino, que é a salvação trazida pelo Cristo, o fiel contrai uma dívida que só pode ser resgatada mediante a entrega de um bem que seja tão grande quanto o próprio filho de Deus: o dinheiro. E quando se troca com Deus, têm-se recompensas, sobretudo a prosperidade e o sucesso, segundo a IURD.

De fato, a vida pode até melhorar em razão de que a vergonha passa a ser, em parte, substituída pela ousadia, pela arrogância de saber-se capaz também de fazer altas doações (como a oferta de sacrifício). Mas a lógica reativa permanece a mesma, porque não há reconhecimento da diferença (entre Deus e o ser humano) e recebimento da graça: aceitar que é aceito pelo divino. Há, sim, tentativa de pagar a dívida da dádiva divina (simbolizada no sacrifício do Cristo). No mundo da troca, é esse modo de religiosidade que faz sentido. Mas, na hermenêutica cristã, da graça, esse discurso é estranho a Deus.

## Considerações finais

O discurso da culpa, presente na maioria das formas religiosas cristãs tradicionais, parece estar perdendo a atração, pois pouco sentido faz à subjetividade contemporânea que sofre mais por vergonha do que por culpa. Nesse sentido, muitos têm encontrado na religiosidade iurdiana, e outras assemelhadas, alívio para o sofrimento de um falso *self*, um *self* envergonhado, não mais culpado. Contudo, religiosidades que sustentam a lógica reativa não resgatam o verdadeiro *self*, apenas ajudam na construção de defesas para o falso *self* se movimentar com mais prazer, com mais gozo, com mais “felicidade”.

Vê-se, pois, que, no modo como as forças de narcisação são ativadas nessa experiência religiosa específica, há uma produção de subjetividade bem adaptada à sociedade capitalista contemporânea. Percebe-se, também, a inseparável relação entre subjetivação, modo de existência e fenômeno religioso, o que nos leva a interrogar, pois, sobre quais seriam, então, os novos desafios de ordem ético-estética que a contemporaneidade coloca à Teologia, à Psicologia e a todos aqueles que, de algum modo, se (pré)ocupam com o fazer teórico e prático de temas envolvendo religiosidade, saúde, cuidado e bem-estar do ser humano e de suas relações? A meu ver, um dos nossos maiores desafios seria o da produção de novas sensibilidades que

tivessem a potência de enlaçar as forças ativas de narcisação, a fim de que a própria subjetividade, elevando o olhar para além do interesse em si mesma, experiencie o cuidado de si e do outro em simultaneidade. E assim, a vida possa ser afirmada em seus processos de criação e expansão e não da mera reprodução e conservação da vida.

## Referências

- CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, (1995) 2005.
- DROZ, Yvan. A Igreja Universal no Quênia. In: ORO, Ari Pedro, CORTEN, André e DOZON, Jean-Pierre. *Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas 2003.
- ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. *Narcisismo e Sacrifício: Modo de subjetivação e religiosidade contemporânea*. Tese de Doutorado. São Leopoldo: EST/IEPG, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Tecnologias del Yo*. Barcelona: Paydós Ibérica, 1996.
- GUATTARI, F. e ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LASCH, Christopher. *O mínimo eu: Sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MACEDO, Edir. *Vida com abundância*. Rio de Janeiro: Universal, 1992.
- \_\_\_\_\_. *A Libertação da Teologia*. Rio de Janeiro: Universal, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- SILVA, Rosane Neves da. *Cartografias do Social: estratégias de produção do conhecimento*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2001.
- WINNICOTT, Donald Woods. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- \_\_\_\_\_. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.